

Autonomia como parâmetro evolutivo da Dança. Diálogo com o texto: “Uma reflexão sobre a autonomia da dança como área do conhecimento”, de Rita Ferreira Aquino - Fabiana Dultra Britto

Fabiana Dultra Britto (UFBA)
GT Dança e Novas Tecnologias
Palavras-Chaves

A proposta de refletir acerca da autonomia da dança como área do conhecimento é, certamente, oportuna e necessária. Um pouco, pela atualidade da preocupação, que não remonta mais do que uns 5 anos¹. Outro tanto, pela pertinência de se estabelecer parâmetros eficientes de reconhecimento das especificidades da dança. E, muito, pela necessidade de afastar a dança do empoeirado campo de mitificações e clichês a que sempre esteve submetida – por desconhecimento ou puro preconceito.

De problema a tema (inclusive de estudos pós-graduados, como é o caso do texto aqui referido), a discussão acerca da autonomia da dança como área do conhecimento tem sido incrementada pelos mais diversos posicionamentos acadêmicos, cujas implicações políticas são tão camufladas em meio a pseudo-argumentos, quanto contraditórias em meio a campanhas anti-teoria disseminadas extra e intra ambientes universitários.

Dentre os aspectos envolvidos nessa reflexão, a autonomia é, talvez, aquele que mais comparece nos discursos politicamente corretos de apoio à consolidação da dança como área de conhecimento. Uma tal popularidade, contudo, carece de cuidadosa leitura que permita um claro discernimento entre o apelo simbólico da palavra e sua definição operativa em contextos relacionais, de modo a distinguir *condição* e *situação* de autonomia.

Em sua proposta de reflexão crítica acerca do status da dança na definição de área do conhecimento do contexto acadêmico brasileiro, Rita F. Aquino aponta a relevância de buscar adequação epistemológica entre objeto de estudo e os pressupostos teórico-metodológicos adotados para estudá-lo. Sugere-se, portanto, que o seu estudo em curso proceda um esclarecimento prévio dos termos em que a questão será enquadrada.

Diferentemente da noção de autonomia habitualmente associada aos ideais de liberdade e independência, que pouco contribuem para a compreensão dos processos de conhecimento porque sugerem a suspensão da temporalidade, propõe-se, para maior eficiência dos propósitos aqui em diálogo, considerar autonomia uma noção associada aos processos evolutivos: um parâmetro que articula memória, flexibilidade adaptativa, gerenciamento de regras e permanência dos sistemas.

A dança, como qualquer outra área do conhecimento, especializa-se no contexto acadêmico como “disciplina”, ganhando a especificidade que a distingue de outras. Um senso de distinção que nada tem a ver com os exercícios pueris de identificação de seus elementos constitutivos - como se costuma pensar e ensinar – mas, sim, com o reconhecimento do seu modo relacional de existência: uma especificidade e autonomia conquistadas a partir de trocas inter, trans e multidisciplinares que, ao longo do tempo, promovem a complexificação do sistema.

Para além do aspecto epistemológico desse debate aqui proposto, gostaria, ainda, de comentar o aspecto contextual da discussão tematizada no texto de Rita F. Aquino, focalizando, especificamente, o papel da pós-graduação nesse processo de consolidação da dança como área do conhecimento, a partir da instalação, na UFBA, do primeiro curso de Mestrado em Dança do país, em 2006.

¹ Período em que a quantidade de teses doutorais já defendidas na área de dança já representava significativa força de pressão sobre as instituições de ensino universitário e agências de fomento à pesquisa.

Como uma das idealizadoras do projeto - aprovado pela Capes com nota 4,0 - e atual Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Dança, ofereço ao debate algumas considerações quanto ao seu significado no contexto acadêmico brasileiro atual.

Embora ainda em processo consolidação de sua proposta pedagógica, o primeiro ano de existência do Mestrado em Dança já conseguiu conferir um perfil acadêmico particular ao nosso Programa, pelo seu comprometimento com o pressuposto de que a dança é uma área de conhecimento específica, cuja complexidade de suas propriedades requer abordagens teóricas baseadas na articulação entre Arte e Ciência e cujos procedimentos de estudo requerem metodologias de pesquisa baseadas na articulação entre Teoria e Prática.

A implantação do único Mestrado em Dança do país não apenas respondeu a certa demanda reprimida (gerada pela ampliação da oferta de cursos de graduação em dança e pelas exigências do mercado por qualificação profissional e especialização da produção de conhecimento) atraindo para si intenções de estudo antes abrigadas em Programas de áreas afins mas, ainda e principalmente, contribuiu para expandir as perspectivas brasileiras de formação profissional instaurando uma “cultura de pós-graduação em dança” (como bem aponta Dulce Aquino), que abre novas frentes de formação profissional e desenvolvimento da pesquisa em ambiente propício. Porque, diferentemente dos Programas de Pós Graduação existentes em Artes Cênicas ou em Artes, que acolhem projetos de pesquisa em Dança sob uma estrutura lógica de pensamento *inclusiva* - que defende a junção das diferentes artes pelo argumento da “eliminação das fronteiras” propalado pelas teorias estéticas do pós-modernismo – o Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA dedica-se a oferecer as necessárias condições para instauração de uma dinâmica de interlocução apropriada às especificidades da Dança. Em se tratando de pesquisa em dança, entendemos que o lugar da necessária inter, trans e multi disciplinaridade é na definição das *linhas e procedimentos de abordagem*, não na definição do *objeto* – cuja complexidade costuma ser reduzida a inespecificidade.

Derivado desse entendimento é a compreensão acerca de como se articulam os níveis universitários de formação profissional em dança: graduação, especialização (lato senso), mestrado acadêmico (stricto senso) e doutorado.

A especificação das diferentes funções pedagógicas, enfoques epistemológicos e propósitos de inserção social de cada um desses níveis é que permite construir uma noção - pública e institucional – da formação universitária como sendo um mesmo e contínuo processo de *especialização do conhecimento* constituído por instâncias diferenciadas quanto aos respectivos graus de comprometimento investigativo e modos de articulação social.

Neste sentido, o projeto de criação do curso de Doutorado em Dança recentemente formulado pelo Programa de Pós Graduação em Dança, toma por referência argumentativa alguns pressupostos epistemológicos e a própria experiência já em curso com o Mestrado Acadêmico, para propor um sistema inaugural de realização de estudos pós-graduados que articula os níveis de Mestrado e Doutorado, os campos da Ciência e da Arte, os processos investigativos e seus possíveis formatos artístico e acadêmico de configuração, numa dinâmica de retro-alimentação não-hierárquica, mas respeitosa das respectivas particularidades. São eles:

1. a compreensão da pós-graduação como patamar de formação universitária voltada para a produção acadêmica especializada, em níveis (especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado) diferenciados entre si quanto ao grau de autonomia investigativa, à especificidade dos propósitos de pesquisa e ao alcance técnico e aplicativo de suas configurações finais - monografia, dissertação e tese.
2. a necessidade de articular graduação e pós-graduação numa estrutura pedagógica integrada que explicita o sentido de continuidade entre os níveis de formação universitária e esteja baseada nos mesmos princípios inter-disciplinares e não-catedráticos que, atualmente, mobilizam a ampla

revisão curricular deflagrada por instituições de ensino superior comprometidas com a atualização de sua própria vocação pública.

3. o reconhecimento da prática da pesquisa como ação crítica e conseqüente sobre uma dada *realidade*, e da investigação como um processo não-modelar de sistematização de procedimentos e implementação de metodologias epistemologicamente coerentes e eficientes para conduzir a formulação e teste de hipóteses e gerar resultados - que, por sua vez, são entendidos como sínteses transitórias de sistemas dinâmicos de produção compartilhada de conhecimento.

4. o reconhecimento do caráter co-evolutivo implicado na dinâmica histórico-social que articula os processos de produção de conhecimento técnico, científico, acadêmico e artístico em Dança.

Esperando ter contribuído para a continuidade, cada vez mais especializada, do debate acerca da autonomia da dança como área do conhecimento, declaro meus votos de confiança e entusiasmo pelos estudos pós graduados de Rita F. Aquino, desejando-lhe coragem para exercitar sua própria autonomia de pesquisadora, com a responsabilidade que a área merece – e carece.